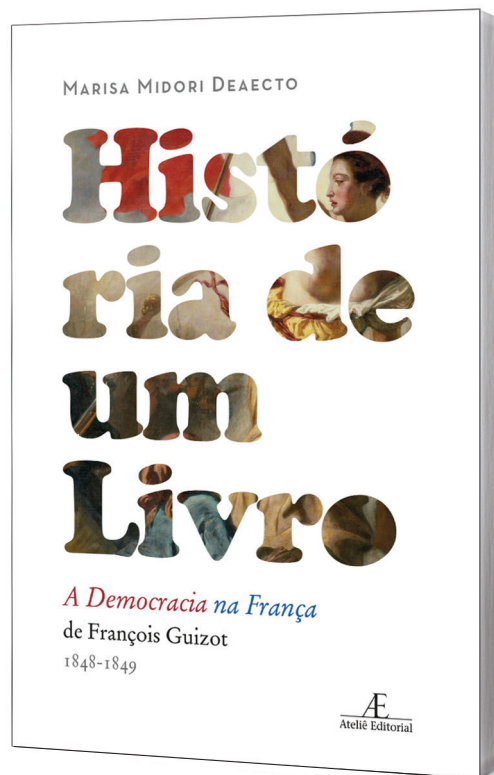


livros



Para quem e além do texto:
as aventuras da história
de um libelo político

Felipe Castilho de Lacerda

*História de um livro: A democracia na França de François Guizot (1848-1849),
de Marisa Midori Deaecto, Cotia, Ateliê Editorial, 2021, 368 p.*

“[...] l’editoria è sempre stata una questione di prestigio, se non altro perché si tratta di un genere di affari che al tempo stesso è un’arte. Un’arte in tutti i sensi, e sicuramente un’arte pericolosa perché, per esercitarla, il denaro è un elemento essenziale. Da questo punto di vista si può benissimo sostenere che ben poco è cambiato dai tempi di Gutenberg”
(Roberto Calasso, *L’improntra dell’editore*).

A obra de Marisa Midori Deaecto, *História de um livro: A democracia na França de François Guizot (1848-1849)*, recém-lançada pela Ateliê Editorial, parece-nos um convite a uma longa e prazerosa viagem, digna dos mais célebres relatos de expedição, como o *Diário e anotações (1832-1836)*, de Charles Darwin, imortalizado pelo título cristalino: *A viagem do Beagle*. Nosso destino e paradas não são, contudo, o contorno da Terra do Fogo e as ilhas de Galápagos, mas os espaços e temporalidades da pujante Paris editorial; os limites do território prussiano; das terras flamengas a Lisboa ou atravessando o Canal da Mancha; e daí, dirigindo-nos a Nova York, Rio de Janeiro ou Buenos Aires.

E já vemos uma das qualidades da obra: é de leitura assaz prazerosa, de modo que se torna plenamente adequada tanto ao público especializado – pelo rigor do conteúdo

– quanto às curiosas e curiosos de todas as especialidades, público sempre almejado, mas por muitas vezes não alcançado – não apenas em razão da linguagem técnica da academia, mas também, é claro, por fatores diversos de todo o circuito do livro. De toda forma, a obra pode ser mesmo encarada como uma bela lição de método e de estilo.

Nascido em Nîmes, o protestante François Pierre Guillaume Guizot (1787-1874) integrou um panteão de historiadores românticos da Revolução, produziu obra extensa, com destaque para as séries em diversos volumes de história da Revolução Francesa e de história da Revolução Inglesa, e foi ministro da Monarquia de Julho. Mas, diferente de Thiers, um tanto mais jovem e que lograria levar sua carreira política até o massacre da Comuna de Paris (1871) e o estabeleci-

FELIPE CASTILHO DE LACERDA é doutorando na Universidade de Hamburgo (Alemanha) e autor de *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do marxismo no Brasil* (Ateliê Editorial).

mento da Terceira República, Guizot encerraria no rescaldo da Primavera dos Povos (1848) sua carreira política. Malgrado sua vultosa carreira tanto política quanto intelectual, Guizot tornou-se figura pouco conhecida. Mas resta a questão, que a autora buscará nos responder: que grande interesse pode repousar sobre um pequenino libelo político acerca dos perigos e excessos da democracia, publicado por um ex-ministro orleanista após sua queda?

O livro é fruto da tese de livre-docência da autora, defendida em 2019, no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Da própria tese, há que se dizer, já por seus aspectos materiais, trata-se de um trabalho de grande perícia editorial, com ponto alto na bela encadernação branca, que, consciente ou inconscientemente, nos remete às célebres coberturas da Gallimard. O livro carregou, aliás, certa inspiração de capa da tese, com um apropriado fundo branco (veremos adiante como a cor compõe estrategicamente a capa da brochura).

UMA CARREIRA EM MUITOS SUPORTES

Poder-se-ia dizer que o estilo da autora recorda o ensaísmo. No entanto, por gênero e conteúdo, trata-se de uma tese monográfica. Professora dos cursos de História do Livro e História do Livro no Brasil, Marisa Midori nos brinda, na realidade, com um belo exemplo de investigação e exposição, realizando o confronto entre elementos locais e universais, micro e macro-históricos, condições objetivas e condições subjetivas, sempre aliadas à qualidade narrativa advinda de uma base de erudição muito sedimen-

tada. Malgrado a inspiração vinda também de alhures, Midori parte de uma verdadeira tradição historiográfica brasileira, a exemplo de historiadores com quem a autora nutriu frutífero diálogo, como Edgard Carone e o prefaciador da obra, Carlos Guilherme Mota, bem como figuras caras à autora, como Antonio Candido ou Sérgio Buarque de Holanda, para não falar em Evaldo Cabral de Mello, ou mesmo Capistrano de Abreu.

Marisa Midori possui um currículo não apenas vasto, mas também profundo – ele podia mesmo ser conferido na Plataforma Lattes, do CNPq, ao menos antes que o atual governo verde-oliva se empenhasse em não se empenhar em nada. Para além de quaisquer veleidades acadêmicas, diversos aspectos da trajetória da autora podem ser vistos nas linhas e entrelinhas de *História de um livro*.

Nascida em Barbacena, Minas Gerais, Midori radicou-se na capital paulista. Amante da cidade e dos livros, podia ser vista a chutar pedrinhas na ilha de alfarrábios do centro velho paulistano – junto a alguns fiéis escudeiros – quando iniciou sua brilhante trajetória no curso de História da Universidade de São Paulo, em inícios dos anos 1990. Foi também nesses tempos que conheceu um buquinador, como ela, amante dos livros havia muito, o professor do Departamento de História da USP Edgard Carone. A amizade entre o velho bibliófilo e a jovem historiadora desenrolou-se pelos mais de dez anos em que Midori trabalhou, como estagiária, na biblioteca caroniana; e além. Grande acervo de livros de esquerda brasileiros e estrangeiros, hoje a biblioteca do professor pertence ao Museu Republicano Convenção de Itu, extensão do Museu Paulista da USP. Mas quando ao mestre Carone já ia findando seu tempo, Marisa Midori taquigrafou algu-

mas das últimas linhas que conformariam a gigantesca obra do historiador da República. Enquanto discípula e continuadora do legado caroniano, Marisa Midori uniu duas paixões nos estudos do livro político, organizando, junto a Jean-Yves Mollier, *Edição e revolução. Leituras comunistas no Brasil e na França* (Ateliê Editorial, 2013). Não à toa, a relação entre livros e política aparecerá novamente na tese de livre-docência recém-enfeixada em livro.

Pesquisadora do campo da história do livro, da edição e da leitura no Brasil, Marisa Midori é docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP, além de ser professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em História Econômica da FFLCH-USP. Nesse mesmo programa, obteve os títulos de mestra (2000) e doutora (2006). Midori coordena o Grupo de Estudos História da Edição e das Práticas de Leitura no Brasil (Séculos XIX e XX). Foi membro da diretoria da Associação Nacional de História (2009-2011) e conselheira da Comissão de Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Em 2017, realizou seu ano sabático como pesquisadora visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP, no seio de cujas atividades se puderam desenvolver, para além de sua própria investigação, uma série de oportunidades de estudo e discussão, bem como cursos e palestras com figuras importantes da pesquisa em história intelectual e política, como Carlos Guilherme Mota e Horacio Tarcus.

Se não fosse o bastante, Midori é editora, junto a Plínio Martins Filho – aquele que diz “cada livro tem sua história” – de *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição-USP* e publica o blog Biblioma-

nia-DiverCidades¹, além de seus programas semanais na Rádio USP.

A autora também prefaciou a segunda edição brasileira do clássico de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *O aparecimento do livro* (Edusp, 2017); junto a Lincoln Secco, redigiu o prefácio da primeira edição brasileira de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, de Fernand Braudel (Edusp, 2016). E, em reconhecimento por seu trabalho e dedicação à história dos livros, Marisa Midori foi ainda agraciada, em outubro de 2017, por indicação do Departamento de Estudos em Herança Cultural e História Cultural, com o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade Eszterházy Károly, da Hungria.

Uma carreira em muitos suportes.

PARA AQUÉM E ALÉM DO TEXTO

Mais do que simplesmente escrever o livro – o que já seria mais que o bastante –, Marisa Midori literalmente fez o livro.

A arte da capa foi concebida pela própria autora, sendo finalizada pela Negrito Produção Editorial. O título principal da obra se vê preenchido pela imagem de Marianne de Delacroix, que vemos tal qual o transpassar visual de uma janela em formato de *História de um livro*. O efeito imagético está, outrossim, ancorado na capacidade de a indústria gráfica contemporânea utilizar a técnica do verniz no acabamento editorial de maneira plenamente satisfatória. O rosto da heroína encontra-se na letra “o” da palavra história.

1 Pode ser consultado no endereço: <http://bibliomania-divercidades.blogspot.com.br/>.

No subtítulo, os termos “a democracia” são grafados em vermelho e “na França”, em azul. O fundo branco da capa completa as variações da bandeira tricolor, representante do lema triádico da Revolução Francesa. As letras se dispõem, aliás, tal qual um “parágrafo bandeira”: alinhado à esquerda, solto à direita. Vindo o nome do autor da obra *A democracia na França* logo abaixo, em preto, realça-se mesmo a sua presença. O uso de um tom de cinza muito semelhante, talvez idêntico, na datação, última partícula do subtítulo, e no nome da autora, o primeiro dos elementos, encerra uma imagem circular que dá coesão ao todo da capa.

O livro está organizado em seis capítulos, antecedidos de Prefácio e Introdução, e sucedidos por “Cauda longa, cauda curta: à guisa de conclusão”. Traz, ulteriormente, Posfácio e diversos elementos paratextuais, incluindo um indispensável Índice remissivo. Uma edição extremamente bem cuidada em todos os seus aspectos.

O primeiro capítulo, “Escrever a *Democracia na França*” nos embarca na viagem que perpassa os tempos e espaços de escrita do libelo de François Guizot. Estuda o manuscrito, compara-o à primeira prova tipográfica, reproduz a missiva do apreensivo autor à amiga e tradutora do libelo político para o inglês. Busca, destarte, compreender o sentido geral, as ideias-força do ex-ministro, no processo de trabalho redacional. Em outras palavras, a autora nos permite aqui “[...] compreender na tessitura do livro o tempo e o espaço em que ideias, textos e intertextos se conectam, contradizem-se, reconstróem-se” (p. 44). Concluimos que, para o ministro despojado, o mal maior que assolaria a França seria o socialismo. E “para levar adiante sua luta, Guizot não poupará

energias. A construção do livro na arena editorial e política francesa (mas, também, internacional) é a prova mais eloquente de todo o seu esforço para atingir nos flancos seus leitores” (pp. 73-4).

Desse modo, cristalizam-se no processo de escrita e reescrita da *Democracia na França* os valores e anseios do ex-ministro destronado que reconhece na Revolução Francesa a sua legitimidade, mas, nos excessos praticados pelos incautos, seus limites. Contudo, os propósitos do autor são suficientes para a compreensão das práticas e instâncias de produção de sentido?

O segundo capítulo, “A construção do livro”, retomando o título do incontornável Emanuel Araújo, investe sobre a problemática da função autor e do processo histórico de aparecimento da *mise en page* como ferramenta mental de modo a desenvolver a questão mencionada logo acima. Os dois primeiros capítulos conformam, com efeito, uma unidade no espaço do texto de Marisa Midori. Dirigem-se à investigação dos processos concretos e – para utilizar um palavra da marxologia – suas determinidades histórico-concretas, bem como aquelas diretamente voltadas ao pequeno mundo do livro na construção do sentido do texto.

Ao adentrar o terceiro capítulo da obra de Marisa Midori Deaecto, partiremos para um próximo entreposto na viagem de vida da *Democracia na França*, avançando para um novo “momento” do circuito do livro: a circulação.

Contudo, para honrar o espírito de *História de um livro*, cumpre notar que um traço editorial compõe o corte anunciado anteriormente: entre o segundo e o terceiro capítulos, somos brindados com o belíssimo “A Primavera dos Povos, 1848: uma história

em imagens” (pp. 105-21). A partir daí, em “O livro ganha o mundo”, veremos a contrarrevolução sintetizada em livro viajar, a partir de Paris, Londres e Nova York, para o *intermezzo* belga, chegando à Prússia e à Saxônia e marchando sobre Viena, para então realizar um sobrevoo sobre o mundo ibérico. Em seguida, entram elementos que parecem compor um paratexto, mas que configuram efetivamente o espaço textual proposto pela autora. Trata-se da “Cartografia das edições de *De la Démocratie en France (1849)*”, a “Lista de edições por país” e a “Bibliografia ilustrada”. Um ponto alto da edição, para que não se escape, é a volumosa reprodução de imagens em bela qualidade, tanto de reprodução quanto de composição.

O segundo terço da obra começará avançando, uma vez mais, no circuito do livro e partindo para a investigação dos processos de recepção. Por fim, o último capítulo de *História de um livro* parece comportar uma unidade em si, mas que avança decididamente na contribuição historiográfica proposta pela professora da ECA/USP. Pois, então, tomaremos finalmente parcela da rota mencionada em nosso ponto inicial, a do Beagle de Charles Darwin e do capitão FitzRoy, rota tão conhecida pela autora do *Império dos livros*. Aportando no Rio de Janeiro, a biógrafa de *A democracia na França* discutirá as especificidades e processos de transferência cultural e de suporte da obra de François Guizot.

Finalmente, o Posfácio de Lincoln Secco, professor de História Contemporânea do Departamento de História da USP, inicia os elementos pós-textuais da obra oferecendo-nos uma brilhante aula de história política da França oitocentista, bem como realizando um paralelo possível para a compreensão da tragédia brasileira contemporânea².

Algo de marcante no desenvolvimento da obra de Marisa Midori Deaecto é a capacidade de perpassar a quase totalidade dos temas, métodos e discussões da historiografia do livro: a história social dos produtores do livro aliada às conjecturas próprias ao meio político-intelectual da França oitocentista; a discussão sobre as temporalidades e espacialidades do(s) livro(s) de mãos dadas à bibliografia analítica.

O porto final dessa viagem é, como sói ocorrer nos bons passeios, o recordar das experiências e o sonhar com novas explorações. De pronto, o meio historiográfico aguarda com anseio a promessa deixada nas palavras introdutórias, acerca do manuscrito inédito de Guizot: “É claro que uma edição crítica e traduzida não escapa ao meu horizonte de expectativas. Todavia, este corresponde a um novo projeto”. Enquanto aguardamos, saboreemos a *História de um livro: A democracia na França de François Guizot (1848-1849)*, mais essa rica produção da universidade brasileira para a compreensão da realidade sociocultural.

2 Uma versão desenvolvida do Posfácio foi publicada no número 21 do *Boletim Maria Antonia* do GMarx-USP, como comentário intitulado “O que um conservador pode nos ensinar? Guizot no Brasil atual”. Disponível em: <https://gmarx.fflch.usp.br/boletim-ano2-21>.